



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Gui T. Guiomar Courelas Ribas

O IMPACTO DO PROGRAMA
PSYCHOPATHY.COMP NA REINCIDÊNCIA
CRIMINAL: FOLLOW-UP DE 24 MESES DE UM
ENSAIO CLÍNICO COM JOVENS AGRESSORES

Dissertação no âmbito do Mestrado de Psicologia Clínica Forense
orientada pelo Professor Doutor Daniel Rijo e pela Professora
Doutora Diana Ribeiro da Silva e apresentada Faculdade de
Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

julho de 2023

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

O Impacto do Programa
PSYCHOPATHY.COMP na Reincidência
Criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio
clínico com jovens agressores

Gui T. Guiomar Courelas Ribas

Dissertação no âmbito do Mestrado de Psicologia Clínica Forense orientada pelo Professor
Doutor Daniel Rijo e pela Professora Doutora Diana Ribeiro da Silva e apresentada à
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

julho de 2023



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Enquadramento Institucional

A presente Dissertação de Mestrado foi realizada no âmbito do Projeto “A quantitative and qualitative analysis of youth's pathways after release from juvenile detention: A Controlled Trial on the efficacy of the PSYCHOPATHY.COMP” (2022.00715.CEECIND), atualmente a ser desenvolvido por Diana Ribeiro da Silva no Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo Comportamental (CINEICC), na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC), sendo financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Resumo

O PSYCHOPATHY.COMP é um programa psicoterapêutico individual, baseado na Terapia Focada na Compaixão, especificamente desenhado para reduzir o comportamento antissocial e os traços psicopáticos através da promoção de uma mentalidade compassiva. A sua eficácia foi testada num ensaio clínico que envolveu uma amostra de 119 jovens do sexo masculino, a cumprir Medida Tutelar Educativa de Internamento (MTEI) em Centro Educativo (CE). O grupo de tratamento ($n=58$) beneficiou do PSYCHOPATHY.COMP e o grupo de controlo ($n=61$) do tratamento usual (TAU) do CE. Os resultados sugerem que o PSYCHOPATHY.COMP é eficaz na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva. Contudo, não existe investigação que teste o impacto do PSYCHOPATHY.COMP após a saída dos jovens do CE. Este estudo visa colmatar essa lacuna, respondendo às seguintes questões de investigação: Será o PSYCHOPATHY.COMP mais eficaz que o TAU a reduzir a reincidência criminal num período de follow-up de 24 meses após a saída do CE?; Terão os traços psicopáticos um efeito preditor na reincidência criminal? Os dados da reincidência criminal foram recolhidos nas bases de dados da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais e os dados sobre os traços psicopáticos foram obtidos no ensaio clínico supracitado. Os resultados indicaram que a maioria dos jovens não reincidiu, não foram encontradas diferenças significativas no que diz respeito ao efeito do tipo de intervenção na reincidência criminal, nem foram encontradas evidências do papel preditor dos traços psicopáticos na reincidência criminal. Este estudo aponta para a eficácia das MTEI na reincidência criminal.

Palavras-chave: Jovens Agressores; Traços Psicopáticos; PSYCHOPATHY.COMP; Reincidência Criminal; Efeito Preditor.

Abstract

PSYCHOPATHY.COMP is an individual psychotherapeutic program based on Compassion Focused Therapy, specifically designed to reduce antisocial behavior and psychopathic traits by promoting a compassionate motivation. Its efficiency was tested in a clinical trial involving a sample of 119 young male offenders detained in juvenile detention facilities (JDF). The treatment group ($n=58$) received PSYCHOPATHY.COMP, while the control group ($n=61$) received the usual treatment (TAU) delivered at JDF. The results suggest that PSYCHOPATHY.COMP is effective in reducing psychopathic traits and promoting a compassionate mindset. However, there is no research investigating the impact of PSYCHOPATHY.COMP after the youths' release from JDF. This study aims to fill this gap by answering the following research questions: Is PSYCHOPATHY.COMP more effective than TAU in reducing criminal recidivism during a 24-month follow-up period after leaving the JDF? Do psychopathic traits have a predictive effect on criminal recidivism? Data on criminal recidivism were collected from the General Directorate for Rehabilitation and Prison Services databases, and data on psychopathic traits were obtained from the clinical trial. The results indicated that most youths did not recidivate, no significant differences were found regarding the effect of intervention type on criminal recidivism, and there was no evidence of the predictive role of psychopathic traits in criminal recidivism. This study highlights the efficacy of custodial educational measures in reducing criminal recidivism.

Keywords: Young Male Offenders; Psychopathic Traits; PSYCHOPATHY.COMP; Criminal Recidivism; Predictive Effect.

Agradecimentos

Aos meus orientadores, a quem dedico uma profunda admiração. Ao Professor Doutor Daniel Rijo, pela sabedoria e pelo espírito desafiante e referência incontestável. À Professora Doutora Diana Ribeiro da Silva, pela orientação, paciência e sabedoria, mas também pela humildade, reconforto e demonstração dum lado tão humano e compassivo.

À Doutora Sónia Dantas, pela orientação, pela forma como me acolheu e mostrou que acreditou em mim, e a toda a equipa do CESC, pela sabedoria, partilha, motivação e confiança. Ao Professor Doutor Nélcio Brazão, pela sua presença e dedicação incansáveis, bem como pela sua autenticidade e honestidade.

Aos jovens dos centros educativos que contribuíram para a realização desta investigação, e aos jovens com quem me cruzei no CESC, que me receberam com carinho e que me deram acesso às suas perspetivas de vida únicas e belas.

A toda a minha família, por acreditarem em mim e por me apoiarem de forma incansável. E, em especial, aos meus pais e irmã pelas palavras de conforto, pelo amor, pela preocupação e pelas caminhadas na praia para reestabelecer energias.

À minha família afetiva, em especial, à Mónica, à Inês, à Ana, à Íris e à Rita, por serem o meu núcleo e nunca me deixarem duvidar de mim. Por serem a minha casa, independentemente de onde estivessem. Por respeitarem e compreenderem as minhas ausências e me acolherem com amor, carinho e entusiasmo.

À minha madrinha, por ter sido um exemplo inigualável e às minhas afilhadas, que não perderam uma oportunidade para me lembrar que nada é impossível.

Às minhas colegas de casa, também amigas, pelas horas de estudo, por fazerem do meu quarto “a casa do povo” e por estarem sempre lá: para rir, desanuviar ou dançar até esquecer os problemas. Às minhas colegas de curso, em especial, às minhas colegas de estágio e à Bea Pinho, pela partilha de angustias, motivação e apoio incondicional.

A todos vocês, e a quem não mencionei diretamente, mas que fizeram parte deste percurso e o tornaram tão bonito, obrigada! A minha Coimbra terá sempre a vossa essência e por isso, deixará sempre Saudade.

Índice

Enquadramento conceptual/Revisão da literatura	1
Traços psicopáticos	1
Intervenções psicoterapêuticas em jovens agressores com traços psicopáticos	3
<i>Intervenções baseadas no Mendota Juvenile Treatment Center (MJTC)</i>	3
<i>Intervenções baseadas na Terapia Focada na Compaixão (TFC)</i>	5
Reincidência criminal	7
Importância do estudo atual	9
Objetivos	10
Metodologia	11
Amostra	11
Intervenções	12
Instrumentos e Medidas	17
Procedimento de recolha de dados	20
Procedimento de tratamento de dados	20
Resultados	21
Recrutamento e retenção	21
Diferenças na <i>Baseline</i> e na amostra do follow-up de 24 meses	24
Efeitos da intervenção na reincidência criminal	28
Covariáveis (traços psicopáticos)	29
Discussão	31
Conclusões	35
Bibliografia	37

Índice de figuras

Figura 1 - Fluxograma da participação de jovens agressores do ensaio clínico.....	23
--	----

Índice de tabelas

Tabela 1 - Visão Geral do Programa PSYCHOPATHY.COMP.....	15
Tabela 2 - Características demográficas, legais, criminais e clínicas da amostra por condição experimental.....	25
Tabela 3 - Variáveis de outcome avaliadas no follow-up de seis meses.....	28
Tabela 4 - Reincidência criminal por condição experimental.....	29
Tabela 5 - Efeito preditor dos traços psicopáticos na reincidência criminal.....	30

Enquadramento conceptual/Revisão da literatura

Traços psicopáticos

Os traços psicopáticos são definidos como uma constelação de traços interpessoais (e.g., manipulação, grandiosidade, mentira – traços GM), afetivos (e.g., frieza e insensibilidade emocional – traços CU) e comportamentais (e.g., impulsividade e irresponsabilidade – traços II) desviantes, que se encontram associados às formas mais precoces, estáveis e graves de comportamento antissocial, sendo considerados de difícil tratamento (Hare, 2003; Salekin et al., 2003; Ribeiro da Silva et al., 2020a). Devido ao impacto clínico e societal dos traços psicopáticos, diversos autores defendem que a fase ideal para prevenir e intervir é na infância e na adolescência (Hecht et al., 2018; Salekin, 2002; Salekin et al., 2010; Wilkinson et al., 2015). No entanto, a literatura sobre intervenções clínicas focadas nos traços psicopáticos é escassa, e apresenta diversas limitações metodológicas, sobretudo nos estudos com jovens agressores (Hecht et al., 2018). A investigação científica sobre os traços psicopáticos na infância e na adolescência cresceu exponencialmente desde o primeiro estudo empírico sobre o tema, onde os autores demonstraram que jovens agressores também possuíam traços psicopáticos e que estes podiam ser avaliados de forma fidedigna através de instrumentos de avaliação psicológica específicos (Forth et al., 1990).

Passados mais de 20 anos, e tendo em conta um volume alargado de publicações científicas sobre traços psicopáticos em populações jovens, parte desses traços foi incluída como um especificador da Perturbação de Comportamento (PC; “com emoções pró-sociais limitadas”) na mais recente edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

(DMS-5; *American Psychiatric Association* [APA], 2013). Proposta por Frick e Moffit (2010), a inclusão deste especificador centra-se nos traços CU, baseando-se em estudos que identificam estes traços como essenciais na identificação e na definição de um subgrupo de jovens antissociais mais severamente perturbados (Baskin-Sommers et al., 2015; Frick et al., 2013; Kumsta et al., 2012; Viding & McCrory, 2012). Porém, as evidências disponíveis sobre a validade desse especificador são escassas e algumas críticas permanecem pertinentes, fundamentadas conceptual e empiricamente. Vários estudos indicaram falta de apoio para a utilização isolada do especificador de traços CU, bem como a inexistência de um perfil estrito destes traços (Colins et al., 2018; Jambroes et al., 2016; Kosson et al., 2013; Lahey, 2014; Ribeiro da Silva et al., 2019b; Salekin et al., 2018; Salekin, 2016; Somma et al., 2018). Existe evidência que suporta a ideia de que os diferentes traços psicopáticos tendem a coexistir, diferindo em grau e não em tipo, e que aponta para a existência de três perfis de gravidade psicopática (perfis de baixos, médios e altos traços psicopáticos), sendo que um perfil com elevados traços psicopáticos tende a apresentar um maior risco de diagnóstico de PC, maior número de comorbidades, de problemas comportamentais e maior risco de reincidência criminal (Ribeiro da Silva et al., 2019b). Para além disto, existe um conjunto de estudos que indicam que perfis que englobam todos os traços psicopáticos (GM, CU e II) preveem melhor as taxas de comorbidades, problemas comportamentais e reincidência criminal (Colins et al., 2018; Colins & Andershed, 2015; Lansing et al., 2018; Ribeiro da Silva et al., 2019b; Salekin, 2016, 2017; Somma et al., 2018). Especificamente, a inclusão dos traços GM, CU e II como especificadores de PC poderá permitir: reduzir a heterogeneidade do diagnóstico de PC, identificando um subgrupo mais grave de indivíduos com esse diagnóstico; melhorar a compreensão dos jovens com PC, aumentando a informação dos modelos etiológicos e da contribuição de cada traço psicopático para défices específicos; e avaliar de forma mais

precisa as características clínicas dos jovens, visando uma melhor conceptualização do caso, bem como um melhor planeamento da prevenção/intervenção e da sua eficácia (Colins et al., 2018; Ribeiro da Silva et al., 2019b; Salekin, 2016, 2017; Salekin et al., 2018).

Intervenções psicoterapêuticas em jovens agressores com traços psicopáticos

Existe uma escassez de estudos empíricos sobre a eficácia de intervenções psicoterapêuticas em jovens agressores com traços psicopáticos (Hecht et al., 2018; Ribeiro da Silva & Rijo, 2022). Apenas três ensaios clínicos, considerados robustos do ponto de vista metodológico (i.e., incluem um grupo de controlo [GC] e um grupo de tratamento [GT]), visaram testar o impacto de intervenções psicoterapêuticas em jovens agressores detidos e incluíram os traços psicopáticos nos seus desenhos de investigação (Caldwell, 2011; Caldwell et al., 2006; Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023).

Intervenções baseadas no Mendota Juvenile Treatment Center (MJTC)

O MJTC é um programa de tratamento intensivo que utiliza estratégias de natureza cognitivo-comportamental com foco nos processos interpessoais. A sua eficácia foi analisada em dois estudos (Caldwell et al., 2006; Caldwell, 2011) que mostraram que foi mais eficaz do que o tratamento usual (TAU) na redução da reincidência criminal numa amostra de jovens agressores com altos traços psicopáticos.

O estudo de Caldwell et al. (2006), que analisou uma amostra de 141 jovens agressores do sexo masculino e com pontuações altas na Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL: YV), comparou os resultados de tratamento de dois grupos experimentais num follow-up de dois anos: um GT (MJTC; $n = 56$), e um GC (TAU; $n = 85$). Ainda que as diferenças nas taxas de reincidência geral não tenham sido significativas, os jovens que

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

participaram no MJTC apresentaram taxas significativamente mais baixas de reincidência institucional e comunitária violenta (21%, $n=12$) comparativamente aos que participaram no TAU (49%, $n=42$). Contudo, o estudo não avaliou a modificabilidade dos traços psicopáticos e o seu efeito preditor na redução da reincidência criminal. Acrescenta-se ainda, que não foi determinada se a relação entre o tratamento MJTC e a redução da reincidência reflete fatores quantitativos (i.e. intensidade e persistência do tratamento) ou qualitativos (i.e. técnicas especializadas de tratamento). Apesar dessas limitações, o estudo apresenta potencialidades importantes: é um estudo quasi-experimental; e a amostra inclui jovens agressores com pontuações de corte utilizadas em medidas tradicionais para definir psicopatia.

Num outro estudo, Caldwell (2011) analisou a associação entre as facetas da psicopatia (faceta afetiva, interpessoal, comportamental e antissocial) incorporadas na *Psychopathy Checklist: Youth Version* (PCL: YV) e as mudanças no comportamento violento institucional e na reincidência criminal. Este estudo, também quasi-experimental, inclui uma amostra de conveniência inicial de 248 jovens agressores do sexo masculino, dos quais apenas 185 foram incluídos na análise, onde compararam os resultados do MJTC (GT; $n=94$) e do grupo TAU (GC; $n=91$). O estudo revelou que os jovens do GT apresentaram mais melhorias no comportamento institucional e foram acusados de menos crimes do que os jovens do GC (3.27 vs. 4.88 crimes, $F=6.36$, $p < .05$). O GT foi associado a taxas de reincidência mais baixas relativamente a todas as facetas da psicopatia, verificando-se, ainda, uma associação significativa entre a faceta interpessoal da psicopatia e o comportamento institucional violento (tanto durante o tratamento quanto após a saída em liberdade) que não se observou no GC. No entanto, é importante ressaltar que o estudo possui algumas limitações que restringem a generalização dos seus resultados, nomeadamente, a seleção de uma amostra de conveniência e a ausência de aleatorização dos participantes, uma vez que

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

todos são adolescentes do sexo masculino e foram selecionados para o programa MJTC os jovens assinalados com problemas de conduta institucional significativos. Desta forma, as relações observadas entre as facetas da psicopatia e a conduta institucional podem ser uma consequência do processo de seleção. Porém, isso não explicaria os resultados encontrados no que diz respeito à melhoria do comportamento institucional ou reincidência violenta após a saída em liberdade. Além disso, a associação entre o comportamento violento e a faceta interpessoal da psicopatia é particularmente promissora, pois desafia a visão da psicopatia como um indicador intratável/inflexível de risco de violência em processos judiciais. Por fim, importa ressaltar que os autores não forneceram informações sobre o número e o tipo de serviços oferecidos pelo programa. Portanto, não é possível estabelecer uma associação clara entre os componentes específicos do tratamento e os resultados terapêuticos obtidos.

Intervenções baseadas na Terapia Focada na Compaixão (TFC)

O PSYCHOPATHY.COMP é um programa especificamente desenhado para reduzir o comportamento antissocial e os traços psicopáticos através da promoção de uma mentalidade compassiva (Ribeiro da Silva et al., 2021). Este é um programa de 20 sessões individuais, baseado na Terapia Focada na Compaixão (TFC), que privilegia o desenvolvimento de uma relação terapêutica segura, inclui estratégias de entrevista motivacional e estimula o Treino da Mente Compassiva (TMC; para mais detalhes sobre o programa consultar a subsecção *Intervenções* do Método; Ribeiro da Silva et al., 2021). A eficácia do PSYCHOPATHY.COMP foi testada num ensaio clínico não aleatorizado que envolveu uma amostra de 119 jovens, do sexo masculino, a cumprir Medida Tutelar Educativa de Internamento (MTEI) em Centro Educativo (CE). O GT ($n=58$) beneficiou do PSYCHOPATHY.COMP e o GC ($n=61$) beneficiou do TAU (Ribeiro da Silva et al., 2021).

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

Ambos os grupos foram avaliados na *baseline* com recurso a uma entrevista clínica semiestruturada (MINI-KID; Sheehan et al., 2010; versão portuguesa de Rijo et al., 2016), que avalia as perturbações do DSM-4 em crianças e adolescentes (APA, 2013), e a diversos questionários de autorrelato empiricamente validados para a população em estudo (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023). Os grupos foram ainda avaliados no pós-tratamento e num follow-up de seis meses, com recurso aos mesmos questionários de autorrelato. Dos dois estudos de eficácia do PSYCHOPATHY.COMP, um focou-se na modificabilidade dos traços psicopáticos (Ribeiro da Silva et al., 2021) e outro estudo na promoção de uma mentalidade compassiva (Rijo et al., 2023).

Os resultados deste ensaio clínico sugerem que o PSYCHOPATHY.COMP é eficaz na redução dos traços psicopáticos. Em específico, o GT mostrou uma diminuição significativa dos traços psicopáticos, avaliados pelo *score* geral e respetivos fatores dos dois instrumentos de autorrelato de avaliação dos traços psicopáticos (Youth Psychopathic Traits Inventory-Short [YPIS; Van Baardewijk et al., 2010; versão portuguesa de Pechorro et al., 2015] e o Proposed Specifiers for Conduct Disorders [PSCD; Salekin & Hare, 2016; versão portuguesa de Ribeiro da Silva et al., 2020c]), com tamanhos de efeito de médio a grandes (com a exceção dos traços GM avaliados pela PSCD). O estudo de Rijo et al. (2023) mostra ainda que o PSYCHOPATHY.COMP foi eficaz na promoção de uma mentalidade compassiva nos jovens do GT. Mais, verificou-se que a promoção de uma mentalidade compassiva (nomeadamente a diminuição dos medos de receber compaixão e o aumento da compaixão) tiveram um papel mediador na redução dos traços psicopáticos no GT.

Apesar de relevância deste ensaio clínico, importa salientar que a sua maior limitação é a ausência de um desenho de um ensaio clínico aleatorizado. Os autores tentaram minimizar

esta limitação utilizando um desenho experimental rigoroso e robusto do ponto de vista conceptual, clínico e metodológico, nomeadamente: o tamanho da amostra (adequado tendo em conta a análise do poder realizada *a priori*); a utilização de dois grupos experimentais equivalentes na *baseline* (não foram encontradas diferenças significativas em nenhuma dessas variáveis); avaliação dos participantes com recurso a medidas de autorrelato empiricamente validadas; a implementação criteriosa da intervenção (os terapeutas beneficiaram de formação especializada e de supervisão clínica durante o período do ensaio clínico; existiu uma avaliação de todas as sessões – pelos jovens e terapeutas – e, ainda, uma avaliação da integridade do tratamento – 5% das sessões foram avaliadas por terapeutas seniores; e a utilização de procedimentos de análise de dados robustos e confiáveis (Ribeiro da Silva et al., 2021).

Em suma, os resultados obtidos sugerem que o PSYCHOPATHY.COMP é uma abordagem promissora na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva nesses jovens, aumentando as suas hipóteses de reabilitação, o que, por sua vez, aponta para a necessidade integrar programas desta natureza em jovens detidos em CE. Contudo, a generalização dos resultados deve ser feita de forma cuidadosa, considerando as limitações do ensaio clínico e a ausência de estudos da eficácia do programa ao nível da reincidência criminal após a saída do CE (Rijo et al., 2023).

Reincidência criminal

A reincidência criminal é frequentemente utilizada como um indicador de sucesso da intervenção e do ajustamento social e, por consequência, é também um indicador da eficácia do sistema de justiça juvenil/penal (Andrews & Bonta, 2010). Apesar do conceito de reincidência criminal constituir um ponto de divergência na literatura, vários autores

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

delimitam este conceito como a prática de uma pluralidade de delitos por um único sujeito, que já foi condenado anteriormente pela prática de um ou de vários factos qualificados na lei como crime (Zamora, 1971; Eiras & Fortes, 2005; Weisberg, 2014). Zara e Farrington (2016), considerando ainda diferentes formas de compreender e investigar este fenómeno, apresentaram quatro definições adotadas pela criminologia, combinando elementos legais e sociais, tais como:

- a) Reincidência (*Reoffending*): indivíduo a quem foi aplicada qualquer tipo de sanção criminal, seja pena de prisão ou penas não privativas da liberdade, e que volte a cometer outra violação da lei num determinado intervalo temporal;
- b) Redetenção (*Rearrest*): indivíduo a quem já foi aplicada pena de prisão e que foi detido novamente; inclui situações em que os indivíduos são presos por diversos motivos, não tendo necessariamente cometido nenhuma infração à lei (ex. quando estão em liberdade condicional e estão próximos de uma cena de um crime, não tendo sido necessariamente o autor do mesmo);
- c) Reencarceramento (*Reincarceration*) indivíduo que está sob liberdade condicional, quebra alguma obrigação ou é detido por prática de um novo crime;
- d) Recondenação (*Reconviction*): indivíduo que é condenado por cometer um novo crime, num determinado intervalo de tempo; só se enquadram nesta definição após terem sido julgados, com pena de prisão efetiva, excluindo prisão preventiva ou outro tipo de penas.

No sistema de justiça juvenil português, a reincidência criminal é avaliada mediante a existência de novos processos judiciais em fase de Inquérito e novas condenações por decisão judicial transitada em julgado, no âmbito da Lei Tutelar Educativa (LTE) e/ou do Processo Penal (DSJJ, 2022).

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

Importância do estudo atual

Sendo que o objetivo último do sistema de justiça juvenil é a reintegração dos jovens na sociedade (Lei nº4/2015, de 15 de janeiro), este estudo vem complementar os estudos relativos à eficácia do PSYCHOPATHY.COMP, alargando os seus indicadores de evidência a variáveis comportamentais de reincidência criminal após a saída do CE, testando ainda o efeito preditor dos traços psicopáticos (avaliados no follow-up de seis meses) sobre a reincidência criminal.

A reincidência criminal é frequentemente utilizada como um indicador de sucesso da intervenção e do ajustamento social e, por consequência, é também um indicador da eficácia do sistema de justiça juvenil/penal, uma vez que é esperado que uma intervenção eficaz diminua a probabilidade de que os indivíduos cometam crimes/atos qualificados como crimes novamente (Andrews & Bonta, 2010). Desta forma, resultados positivos deste estudo poderão contribuir para a validação do PSYCHOPATHY.COMP como um programa baseado na evidência e eficaz não apenas na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023), mas também na redução do risco de reincidência criminal após a saída do CE. Este estudo pode, desta forma, ter implicações clínicas, sociais e no âmbito do sistema de justiça juvenil, esperando que possa contribuir para a tomada de decisão na área da Justiça Juvenil, de forma a promover a generalização deste tipo de intervenções aos jovens que delas mais precisam e podem beneficiar.

Objetivos

Este estudo tem como objetivo avaliar o impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal de jovens que cumpriram MTEI-CE, num período de follow-up de 24 meses, após saída do CE, de forma a investigar se este programa será mais eficaz que a aplicação do TAU. Complementarmente, pretende-se avaliar o efeito preditor dos traços psicopáticos na reincidência criminal.

Apesar de não existirem estudos que testem especificamente o impacto deste programa na reincidência criminal, existem algumas meta-análises/estudos que mostram que há uma diferença significativa (17,4%) na reincidência criminal entre jovens agressores que participaram e não participaram em programas de intervenção, apresentando resultados mais promissores os jovens agressores que participaram nesses programas, independentemente da natureza das intervenções (Bouchard & Wong, 2017; Caldwell, 2011; Caldwell et al., 2006; Dowden & Andrews, 2003; Pappas & Dent, 2021; Van der Stouwe et al., 2014; Wilson et al., 2017). Assim, espera-se que os jovens do GT (i.e., grupo de participantes que recebeu o PSYCHOPATHY.COMP) apresentem uma menor reincidência criminal, por comparação com os jovens do GC (i.e., grupo de participantes que recebeu apenas o TAU).

Mediante os estudos já realizados (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023), verificou-se que no tempo de permanência em CE, os jovens que participaram no programa PSYCHOPATHY.COMP apresentaram diminuição dos traços psicopáticos e aumento de uma mentalidade compassiva. Tendo em conta o papel preditor dos traços na reincidência criminal, (Colins et al., 2018; Colins & Andershed, 2015; Lansing et al., 2018; Ribeiro da Silva et al., 2019b; Salekin, 2016, 2017; Somma et al., 2018), espera-se que a diminuição dos

traços psicopáticos no GT possua um efeito preditor protetor sobre as taxas de reincidência criminal.

Metodologia

Amostra

Os participantes são os 119 jovens - do sexo masculino - que cumpriram MTEI em seis CE da DGRSP e que participaram no ensaio clínico que testou a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva. Este decorreu entre março de 2018 e janeiro de 2020, no âmbito do Projeto I&D “Modificabilidade dos traços psicopáticos em menores agressores: Resultados de uma intervenção baseada na compaixão” (PTDC/MHC-PCL/2189/2014).

Os critérios de inclusão englobavam: a) ter Perturbação do Comportamento (PC) como diagnóstico principal; b) ser do sexo masculino (as raparigas em CE representam uma pequena percentagem dos jovens detidos em Portugal, e quaisquer possíveis idiossincrasias dessa coorte seriam subestimadas). Os critérios de exclusão incluíram: a) não falar português (para evitar problemas de comunicação); b) permanecer no CE menos de 12 meses desde o início do programa (devido à duração do ensaio clínico); c) suspeita de défice cognitivo, sintomas psicóticos e/ou perturbação do espectro do autismo (o programa não foi desenhado considerando estas especificidades).

No referido ensaio clínico, o GT ($n=58$) beneficiou do programa PSYCHOPATHY.COMP e o GC ($n=61$) beneficiou do TAU oferecido pelo sistema de justiça juvenil.

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

Intervenções

O PSYCHOPATHY.COMP é um programa de 20 sessões individuais, baseado na TFC, que foi especificamente desenhado para diminuir traços psicopáticos e o comportamento antissocial através do desenvolvimento de uma mentalidade compassiva em jovens agressores (Ribeiro da Silva et al., 2022; Rijo et al. 2023).

A TFC é uma abordagem biopsicossocial informada pela Teoria Evolucionária, que se foca em desenvolver uma mentalidade compassiva, com um claro impacto na regulação emocional e comportamental (Cozolino, 2017; Gilbert, 2019; Kirby et al., 2017; Seppälä et al., 2019; Singer & Engert, 2019). De acordo com a TFC, os seres humanos têm um conjunto inato de motivações básicas para sobreviver, prosperar e formar vínculos afiliativos, que são regulados por três sistemas de regulação emocional: o sistema de ameaças (que visa a deteção de ameaças e a busca de proteção); o sistema de procura de recursos (que visa a procura de recursos e de objetivos a curto-médio e longo prazo); e o sistema de tranquilização (que visa a conexão social, o vínculo e a tranquilização). De acordo com a TFC, os sintomas e as perturbações psicopatológicas geralmente surgem e mantêm-se pelo desequilíbrio destes sistemas (Gilbert, 2019; Kumsta, 2019).

A TFC conceptualiza o comportamento antissocial e os traços psicopáticos como estratégias evolutivas para lidar com ambientes de criação marcados por experiências traumáticas (e.g. abuso infantil) e pela falta de sinais afiliativos (e.g. negligência) que, por sua vez, interagem com outros fatores etiológicos (e.g. genéticos). A maioria dos jovens detidos cresceu em ambientes adversos, pelo que tendem a ter um sistema de ameaça hipersensível e hiperdesenvolvido e um sistema de procura de recursos auto-focado em objetivos e desejos a curto prazo, dificultando o desenvolvimento pleno do sistema de

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

tranquilização (Gilbert, 2017; Kolts & Gilbert, 2018; Ribeiro da Silva & Rijo, 2022). Estes jovens tendem a desenvolver uma mentalidade antissocial, atacando os outros em situações potencialmente ameaçadoras (i.e. ameaças físicas ou sociais), visando a sua proteção e a recuperação rápida do seu sentido de poder e domínio (Cowan et al., 2016; Del Giudice, 2016; Farrington et al., 2016; Garofalo et al., 2018; Gilbert, 2017; Glenn, 2019; Jonason et al., 2016; Kosson et al., 2016; Ribeiro da Silva et al., 2015, 2019c, 2019d). Ainda que essas estratégias sejam adaptativas a curto prazo, podem conduzir ao aumento/reforço dos seus níveis de vergonha (i.e. sentimentos persistentes e constantes de ser inferior e sem valor) e dos seus medos associados à compaixão (i.e. sensibilidade ao sofrimento em si mesmo e nos outros, com um compromisso de tentar aliviar e prevenir esse sofrimento), diminuindo a sua sensação de segurança social (Dávila et al., 2020; Gilbert, 2014; Gilbert & Basran, 2019; Morley, 2015; Ribeiro da Silva et al., 2015).

Inspirado por este modelo concetual, o PSYCHOPATHY.COMP foi concebido para reduzir o comportamento antissocial e traços psicopáticos em jovens agressores, equilibrando os sistemas de regulação motivacional e emocional através da promoção de uma mentalidade compassiva (Ribeiro da Silva et al., 2019a, 2021). A aplicação deste programa visa ainda criar uma relação e contexto terapêutico seguros, permitindo que estes jovens reformulem as suas experiências passadas, as suas ameaças internas e externas e enfrentem novas experiências de vida com a força, coragem e sabedoria da compaixão, tanto pelos outros quanto por si mesmos (Ribeiro da Silva et al., 2021, 2022). Ao longo das sessões, os terapeutas focam-se em desenvolver uma relação terapêutica segura, em aplicar estratégias de entrevista motivacional alinhadas com a TFC para gerir dificuldades de adesão e compromisso com o tratamento, e estimular o TMC (i.e. treino de práticas específicas para

equilibrar o funcionamento dos sistemas de regulação emocional e promover a compaixão nos indivíduos; Gilbert, 2010; Hecht et al., 2018; Ribeiro da Silva et al., 2021).

A estrutura do programa segue uma estratégia gradual de mudança, incluindo quatro módulos sucessivos (cf. Tabela 1): (1) A nossa mente; (2) A nossa mente de acordo com a TFC; (3) TMC; e (4) Reabilitação, prevenção de recaída e finalização. O Módulo I tem duas sessões, que se iniciam pela apresentação inicial (do terapeuta e do participante e do programa em si), e que visa: desenvolver a relação terapêutica; avaliar o estágio motivacional dos participantes e superar resistências; promover conhecimento sobre o funcionamento básico da mente humana e iniciar o treino de *mindfulness*. O Módulo II tem oito sessões, que visam fortalecer a relação terapêutica, continuar a avaliar o estágio motivacional do participante e superar resistências, desenvolver o conhecimento do participante sobre o funcionamento da mente de acordo com a estrutura da TFC, continuar o treino de *mindfulness*, iniciar o TMC e a exposição compassiva à raiva. O módulo III tem oito sessões e o seu foco prevalece no TMC, visando continuar a fortalecer a relação terapêutica, avaliar o estágio motivacional do participante e superar resistências e a exposição compassiva à raiva. Por fim, o Módulo IV é dividido em duas sessões e visa continuar a fortalecer a relação terapêutica, a avaliar o estágio motivacional do participante e superar resistências, bem como revisitar as mudanças e as motivações para a recuperação através de uma lente compassiva e o seu caminho para a recuperação - reconhecendo o papel da compaixão -, trabalhar a prevenção de recaídas e finalizar o processo terapêutico (para mais informações sobre cada sessão consultar tabela 1; Ribeiro da Silva et al., 2022).

Tabela 1*Visão Geral do Programa PSYCHOPATHY.COMP*

Módulo	Sessão	Tema	Mensagens/Ideias Principais
I. A nossa mente	1	Apresentação	Temos muitas coisas em comum uns com os outros. A maior parte das coisas que temos na nossa vida não foram escolhas nossas.
	2	Os nossos ingredientes básicos	Todos nós temos as mesmas reações instintivas às ameaças.
II. A nossa mente de acordo com a TFC	3	Cérebro novo/antigo. As partidas que o cérebro prega	Os desafios que emergem da interação entre o cérebro antigo e o cérebro novo.
	4	Múltiplas versões	Somos apenas uma possível versão de nós próprios.
	5	Responsabilidade vs. Liberdade	Não somos prisioneiros da evolução, da genética, do contexto, nem das nossas experiências passadas.
	6	Sistemas de regulação do afeto	É importante conhecermos e termos consciência dos três sistemas da regulação do afeto
	7	Sistemas de regulação afeto (cont.)	O equilíbrio entre os três sistemas de regulação do afeto é uma forma de atingirmos maior estabilidade emocional.
	8	Respostas do sistema de ameaça	Todos somos sensíveis à experiência emocional da vergonha.
	9	Estratégias de <i>coping</i>	Estratégias adaptativas para lidar com a vergonha.
	10	Motivação e recuperação	Conhecer o que nos motiva ajuda-nos a seguir o caminho da recuperação
III. TMC	11	Compaixão: o que (não) é!	Independentemente do que acontecer em nós ou à nossa volta, podemos sempre escolher o caminho da compaixão.
	12	Múltiplos eus	Todos nós possuímos múltiplos Eus, é fundamental distingui-los e integrá-los.
	13	Medos da compaixão	Todos nós temos medos, resistências e bloqueios à compaixão que devem ser identificados e ultrapassados.

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
 Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

	14	Fluxos da compaixão	A importância dos três fluxos da compaixão, apesar dos obstáculos que lhes possam surgir.
	15	Autocompaixão	A autocompaixão é a única ferramenta que temos à nossa disposição 24h/dia.
	16	Fluxos da compaixão: revisão	A compaixão mostra-nos sempre um caminho.
	17	Lugar seguro	Podemos ir para o nosso lugar seguro e alcançar o Eu-compassivo sempre que precisarmos.
	18	Carta compassiva	A compaixão é uma ferramenta poderosa que pode ser útil na nossa vida.
IV. Reabilitação, prevenção da recaída e finalização	19	Revisitar as motivações e recuperação: o papel da compaixão	Agora temos as ferramentas para sermos responsáveis pelas nossas escolhas.
	20	O que mudou? Uma visão geral	A vida será sempre desafiante, por isso é fundamental aprender a identificar e a lidar com as dificuldades de forma compassiva.

Nota: Tabela adaptada de Ribeiro da Silva et al. (2019a).

As sessões devem ser dirigidas por terapeutas formados em TFC e no próprio programa, sendo altamente recomendada a existência de supervisão. Estes devem seguir a estrutura padrão das sessões, que estão divididas em três partes: (1) *Check-in*, que compreende um exercício de *grounding*, o sumário da sessão anterior e *insights* da semana (as situações expostas nestes *insights* podem e devem ser utilizadas nos exercícios da segunda parte da sessão); (2) Desenvolvimento do tema, que compreende a dinâmicas e exercícios experimentais que visam o desenvolvimento do tema da sessão; e (3) *Check-out*, que integra o resumo da sessão, um convite para praticar um exercício de *mindfulness* ou de TMC e a entrega de uma “Carta Mágica”, que apresenta uma palavra-chave, uma citação ou imagem que representa a ideia principal da sessão (Ribeiro da Silva et al., 2023).

A aplicação do PSYCHOPATHY.COMP teve uma duração aproximada de seis meses, assim como o TAU, o qual incluiu cerca de 20 sessões de aconselhamento semanais individuais, administradas por psicólogos do sistema de justiça juvenil (durante o período de investigação, o GT não compareceu nestas sessões e o GC não beneficiou do PSYCHOPATHY.COMP; Rijo et al., 2023).

Instrumentos e Medidas

Avaliação da reincidência criminal

No presente estudo, não existiu contacto direto com os participantes, uma vez que os dados foram recolhidos na base de dados da DGRSP, que monitorizou os jovens nos 24 meses após saída do CE. Estes dados contemplam indicadores de reincidência criminal.

Para avaliação dos níveis de reincidência criminal, a DGRSP recorreu aos dados do Sistema de Informação de Reinserção Social (SIRS) e do Sistema de Informação Prisional (SIP). Com esses dados, classificaram os jovens em três categorias de reincidência:

- 1) *Sem Indícios de Reincidência* - jovens que não apresentam novos processos judiciais em fase de Inquérito, nem novas condenações por decisão judicial transitada em julgado, no âmbito da Lei Tutelar Educativa (LTE) e do Processo Penal;
- 2) *Com Indícios de Reincidência* - jovens que possuem novos processos judiciais em fase de Inquérito, no âmbito da LTE e/ou do Processo Penal¹; e
- 3) *Reincidentes* - jovens que possuem, efetivamente, novas condenações por decisão judicial transitada em julgado no âmbito da LTE e/ou do Processo Penal

¹ Importa salientar que estes indícios se podem ou não vir a comprovar em Tribunal, pelo que podem ou não resultar em condenações efetivas.

Covariáveis (traços psicopáticos)

Os resultados do estudo de Ribeiro da Silva et al. (2021), apontam para uma redução de traços psicopáticos nos jovens do GT. Portanto, seria relevante avaliar se esta redução possui um efeito preditor da reincidência criminal. Para avaliar este efeito, recorreu-se à análise dos resultados obtidos a partir do YPIS e do PSCD na avaliação de follow-up de seis meses.

O YPIS (Van Baardewijk et al., 2010; versão portuguesa de Pechorro et al., 2015) é um questionário de autorrelato que inclui 18 itens do Inventário original de Traços Psicopáticos Juvenis (YPI; Andershed et al., 2002). Avalia traços psicopáticos em jovens mediante três dimensões: GM (itens 4, 5, 8, 9, 14 e 16; e.g., “Tenho capacidades que vão muito além das outras pessoas.”), CU (itens 3, 6, 10, 15, 17 e 18; e.g., “Acho que chorar é um sinal de fraqueza, mesmo que ninguém me veja”) e II (itens 1, 2, 7, 11, 12 e 13; e.g., “Considero-me uma pessoa bastante impulsiva”). Cada fator é estimado por um conjunto de seis itens, respondidos numa escala de quatro pontos (1 = *Não se aplica* a 4 = *Aplica-se muito bem*). As pontuações do YPIS total e dos seus fatores são feitas pelo somatório dos respetivos itens; pontuações mais altas indicam níveis maiores de traços psicopáticos. O YPIS mostrou forte convergência com o YPI original e boas propriedades psicométricas (Van Baardewijk et al., 2010). Em estudos com amostras portuguesas, o YPIS revelou boas propriedades psicométricas e uma estrutura trifatorial invariante entre jovens portugueses da comunidade e forenses do sexo masculino (Pechorro et al., 2015, Pechorro et al., 2017). Como esperado, os jovens da comunidade tiveram uma pontuação média mais baixa ($M = 38.17$; $DP = 6.03$) do que os jovens forenses ($M = 42.41$; $DP = 7.51$; $t = 9.239$; $p < .001$) na pontuação total, bem como nos fatores YPIS (Ribeiro da Silva et al., 2019b). No presente estudo, o YPIS

apresentou consistência interna aceitável a boa com base nos alfas de Cronbach para a pontuação total do YPI-S e para os fatores GM, CU e II, que foram, respetivamente: .89, .85, .80 e .77.

O PSCD (Salekin & Hare, 2016; versão portuguesa Ribeiro da Silva et al., 2021) é um questionário de autorrelato com 24 itens, que avalia traços psicopáticos em jovens mediante quatro fatores esperados: GM (itens 1 a 6; e.g., “Tenho grande facilidade em mentir”); CU (itens 7 a 12; e.g., “Raramente sinto culpa ou remorsos”); Ousadia-irresponsabilidade (DI; itens 13 a 18; e.g., “Sinto que preciso de estímulos fortes”); e comportamento antissocial (AS; itens 19 a 24; e.g., “Já agredi fisicamente animais ou pessoas”). Cada fator é avaliado por um conjunto de seis itens, respondidos numa escala de três pontos (0 = *não é verdade*; 1 = *um pouco verdadeiro*; 2 = *verdadeiro*). As pontuações do PSCD total e dos seus fatores são feitas pelo somatório dos respetivos itens; pontuações mais altas indicam níveis maiores de traços psicopáticos. O fator PSCD_AS foi excluído da análise dos efeitos da intervenção nos traços psicopáticos, por conter itens maioritariamente não modificáveis ao longo do tempo e reportarem comportamentos anteriores. Portanto, pontuação total do PSCD foi calculada apenas com a soma das classificações dos itens dos fatores PSCD_GM, PSCD_CU e PSCD_DI. Num estudo com jovens portugueses do sexo masculino, comunitários e forenses, o PSCD revelou propriedades psicométricas muito boas e bons indicadores de validade convergente com o YPI-S (Ribeiro da Silva et al., 2020c). Como esperado, os jovens portugueses do sexo masculino da comunidade apresentaram uma pontuação média mais baixa ($M = 12.93$; $DP = 5.16$) do que os jovens forenses portugueses ($M = 17.85$; $DP = 5.56$; $t = -12.654$; $p < .001$) na pontuação total do PSCD e nos seus fatores (Ribeiro da Silva et al., 2020c). No presente estudo, o PSCD apresentou consistência interna aceitável a boa com

base nos alfas de Cronbach para a pontuação total do PSCD e para os fatores GM, CU e DI, que foram, respetivamente: 0.89, 0.74, 0.85, 0.72.

Procedimento de recolha de dados

O estudo foi submetido à Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC). Foi solicitada a autorização da DGRSP para a aceder às bases de dados com vista à recolha dos dados de reincidência criminal dos jovens que participaram no ensaio clínico, tendo a mesma enviado a informação recolhida e detalhada. O anonimato e a confidencialidade dos participantes foram garantidos durante todo o processo e os dados foram somente analisados de forma global e apenas para fins de investigação.

Procedimento de tratamento de dados

O tratamento de dados foi realizado recorrendo ao *software* IBM SPSS Statistics v27.0; utilizaram-se testes t de amostra independentes, testes de qui-quadrado e regressões logísticas multinomiais.

As análises preliminares e de caracterização da amostra incluíram comparações entre os grupos de tratamento e controlo em variáveis demográficas, legais, criminais e clínicas. Foram utilizados testes t de amostras independentes ou testes qui-quadrado, mediante a natureza dos dados. Os grupos também foram comparados ao nível dos traços psicopáticos no follow-up de seis meses, usando testes t de amostras independentes.

Considerando a natureza categorial da variável de reincidência criminal e da condição experimental, foi utilizado o teste qui-quadrado, uma vez que permite testar se as

distribuições dos sujeitos pelas diferentes categorias nas duas variáveis são ou não devidas ao acaso. Por ser expectável que os valores da variável estivessem abaixo de cinco observações, foi considerado o valor-p do teste exato de Fisher, uma vez que este valor é preciso para todos os tamanhos amostrais.

A regressão logística multinomial foi utilizada para prever a probabilidade de associação à categoria numa variável dependente com base em múltiplas variáveis independentes. Visa, portanto, testar o papel preditor do efeito dos traços psicopáticos no nível de reincidência criminal, tendo em conta a condição a que os jovens estão alocados. As funções de distribuição que caracterizam as variáveis explicativas são frequentemente não lineares. Assim, uma vez criado o modelo de regressão multinomial, os parâmetros são usados para fazer previsões sobre a probabilidade de ocorrência de um evento em comparação com a categoria de referência, que, neste caso, foi “sem indícios de reincidência criminal” (Coughenour et al., 2016; Clark et al., 2019).

Resultados

Recrutamento e retenção

No ensaio clínico que testou a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP (Ribeiro da Silva et al., 2021), uma amostra de 153 jovens detidos do sexo masculino foi convidada a participar no estudo inicial (cf. Figura 1). Após avaliar os critérios de exclusão, 34 (22,2%) participantes foram excluídos do estudo: três (2%) recusaram-se a participar e 31 (20,2%) cumpriram critérios de exclusão [17 (11,1%) permaneceriam no CE por menos de 12 meses, 6 (3,9%) não falavam português, sete (4,6%) eram suspeitos de ter deficiências cognitivas e um (0,6%) era suspeito de ter um transtorno do espectro autista]. Dessa seleção inicial, 119

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

jovens detidos (77,8%) completaram a avaliação inicial e foram alocados para o GT ou para o GC (para mais informações sobre o método de alocação dos participantes ver o ensaio clínico de Ribeiro da Silva et al., 2021).

Dos 58 participantes do GT inicial, 56 (96,6%) completaram o PSYCHOPATHY.COMP e a avaliação pós-tratamento e 53 (91,4%) também completaram a avaliação de acompanhamento no follow-up de seis meses; desistiram do estudo cinco (8,6%) jovens, a maioria por terem sido libertados antes do previsto. Dos 61 participantes do GC inicial, 57 (93,4%) completaram a avaliação pós-tratamento e 50 (82%) também completaram a avaliação de acompanhamento no follow-up de seis meses; 11 jovens (18%) abandonaram o estudo, a maioria por terem sido liberados antes do previsto (cf. Figura 1).

Comparando o grupo inicial de participantes, dos 58 participantes do GT foi possível recolher os dados de reincidência criminal de 45 (77,6%) e dos 61 participantes iniciais do GC foi possível recolher os dados de reincidência criminal de 47 (77%). Em suma, da amostra total de 119 participantes, não foram possíveis recolher os dados de reincidência criminal de 27 (22,7%) jovens, a maioria por ainda não ter sido aferida a reincidência no follow-up de 24 meses ou por não aparecerem na listagem da DGRSP (cf. Figura 1).

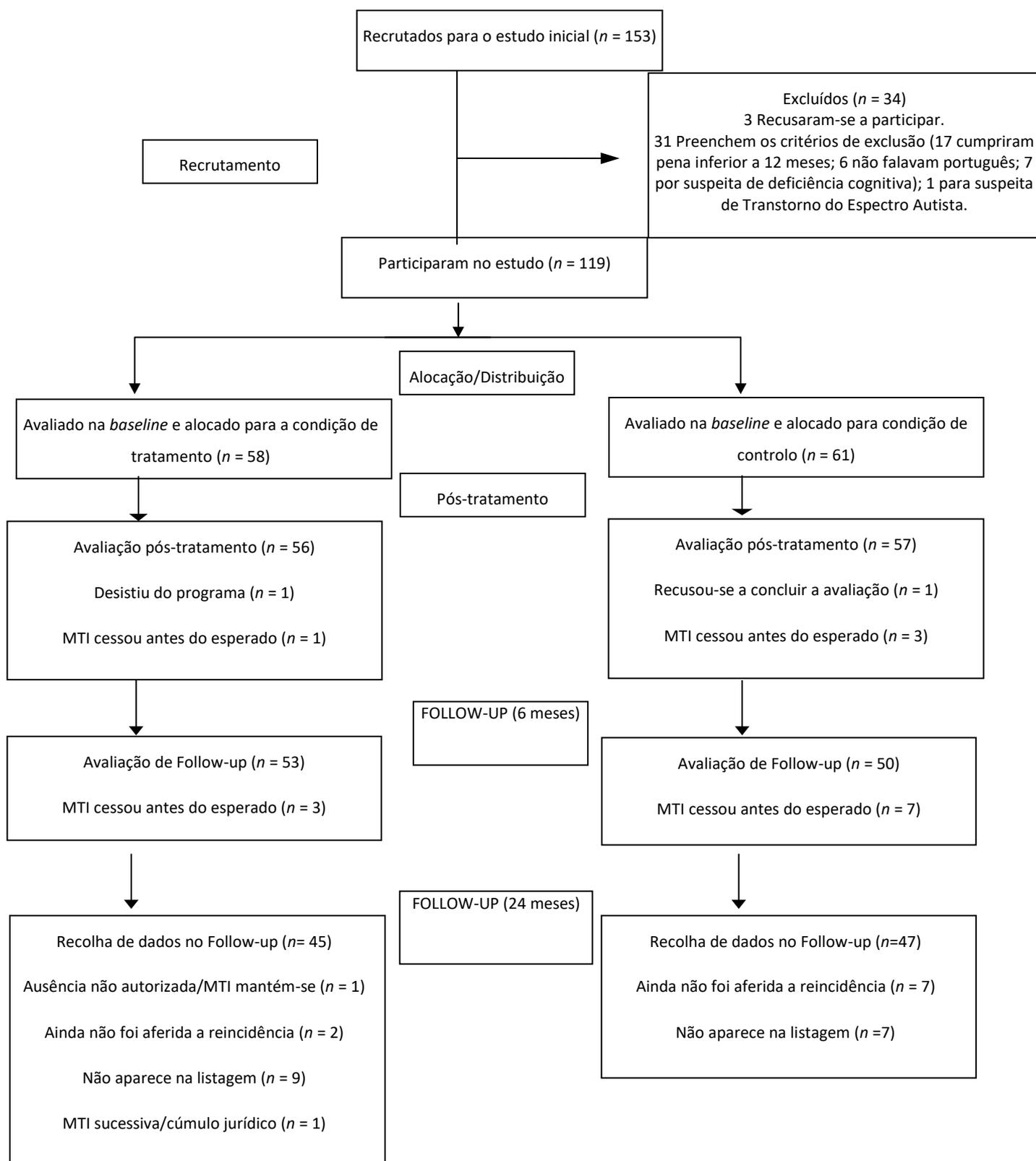


Figura 1. Fluxograma da participação de jovens agressores do ensaio clínico

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomarribas@hotmail.com) 2023

Diferenças na *Baseline* e na amostra do follow-up de 24 meses

No ensaio clínico que testou a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al. 2023), características demográficas, legais, criminais e clínicas foram avaliadas nos grupos de tratamento e controlo. Não foram encontradas diferenças significativas em nenhuma destas variáveis na *baseline*, incluindo nas variáveis de *outcome* (todas $p > .05$).

No estudo atual, estas características foram comparadas novamente, não tendo sido encontradas diferenças significativas nas características demográficas, legais, criminais e clínicas (todas $p > .05$; cf. Tabela 2). A maioria dos participantes de ambos os grupos era de nacionalidade portuguesa, de baixo nível socioeconómico, teve contatos anteriores com serviços de proteção a crianças e jovens e/ou com o sistema de justiça juvenil, cumpre MTI em regime semiaberto, cometeu vários crimes contra pessoas, possui antecedentes criminais, apresentou alto risco de reincidência, perturbação de comportamento primária e múltiplos tipos de comorbidades psiquiátricas (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Características demográficas, legais, criminais e clínicas da amostra por condição experimental

	Grupo de tratamento (GT; n = 45)	Grupo de controlo (GC; n = 47)	t/ χ^2	p	V de Cramer/ d de Cohen
Idade	15.87 (1.01)	15.89 (1.13)	.12	.904	.025
Anos de escolaridade concluídos	5.96 (1.02)	5.79 (1.47)	-.634	.528	-.132
Nacionalidade					
Portuguesa	40 (88.9)	39 (83)			
Palops	4 (8.9)	3 (6.4)	4.114	.249	.211
Brasileira	0 (0)	4 (8.5)			
Outros	1 (2.2)	1 (2.1)			
Nível Socioeconómico					
Baixo	43 (95.6)	44 (93.6)			
Médio	2 (4.4)	2 (4.3)	.968	.616	.103
Alto	0 (0)	1 (2.1)			
Contacto prévio com o Sistema de Promoção e Protecção					
Não	1 (2.2)	3 (6.4)			
Lares adotivos	24 (53.3)	18 (38.3)	2.598	.273	.168
Outro	20 (44.4)	26 (55.3)			
Contacto prévio com o Sistema de justiça juvenil					
Não	9 (20)	11 (23.4)			
Programas na comunidade/acompanhamento	22 (48.9)	23 (48.9)	.222	.974	.049
MTI	2 (4.4)	2 (4.3)			
Outro	12 (26.7)	11 (23.4)			
Antecedentes Criminais					

Primário	11 (24.4)	5 (10.6)	3.05 0	.08 1	.182
Reincidente	34 (75.6)	42 (89.4)			
Duração da MTI (em meses)	18.76 (4.90)	16.23 (4.83)	- 2.48 5	.01 5	-.518
Regime da MTI					
Aberto	4 (8.9)	10 (21.3)			
Semiaberto	34 (75.6)	31 (66)	2.74 5	.25 4	.173
Fechado	7 (15.6)	6 (12.8)			
Tipo de crime					
Contra pessoas	36 (80)	42 (89.4)			
Contra propriedade	8 (17.8)	3 (6.4)	3.69 3	.29 7	.200
Tráfico de Droga	1 (2.2)	1 (2.1)			
Outros	0 (0)	1 (2.1)			
Quantidade de crimes					
Crime único	7 (15.6)	3 (6.4)	2.62 9	.26 9	.169
Vários crimes	38 (84.4)	44 (93.6)			
Risco de Reincidência criminal - YLS/CMI_T					
Baixo	0 (0)	0 (0)			
Moderado	7 (20.6)	6 (18.8)	4.20 2	.12 2	.252
Alto	19 (55.9)	24 (75)			
Muito Alto	8 (23.5)	2 (6.3)			
Nº de diagnósticos – MINI-KID	3.62 (1.25)	3.66 (1.49)	.130	.89 7	.027
Perturbação Primária					
PC	44 (97.8)	45 (95.7)	.301	.58 3	.057
PO	1 (2.2)	2 (4.3)			
Tipo de comorbilidades – MINI.KID					
Perturbação de Oposição-Desafio	5 (11.1)	9 (19.1)			
Perturbação do uso de álcool	1 (2.2)	1 (2.1)	3.22 7	.52 1	.187
Perturbação por uso de substâncias	5 (11.1)	4 (8.5)			
Perturbações de ansiedade	2 (4.4)	0 (0)			

Múltiplas	32 (71.1)	33 (70.2)
-----------	-----------	-----------

Nota. Informações para nacionalidade, nível socioeconômico, contato anterior sistema de promoção e proteção, contato anterior com o sistema de justiça juvenil, regime da MTI, antecedentes criminais, tipo de crimes, quantidade de crimes, risco de reincidência criminal, perturbação primária e tipo de comorbidades são apresentados como n (%); informações para idade, anos de escolaridade, duração da MTI e número de diagnósticos são apresentadas como M (DP).

Número de diagnósticos - MINI-KID = Número de diagnósticos estabelecidos com o MINI-KID (Mini-Entrevista Neuropsiquiátrica Internacional para Crianças e Adolescentes), incluindo Perturbação de Conduta (PC); Tipo de comorbidades – MINI.KID = Tipo de comorbidades com PC estabelecidas com o MINI.KID.

Os crimes contra pessoas incluem homicídio, tentativa de homicídio, agressão física, assalto à mão armada e estupro; Os crimes contra a propriedade incluem roubo e destruição de propriedade.

À semelhança dos estudos que testaram a eficácia do programa

PSYCHOPATHY.COMP (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al. 2023), não se verificam diferenças significativas na amostra atual quando as variáveis de *outcome* foram avaliadas na *baseline* (todas $p > .05$), mas verificaram-se diferenças significativas na avaliação de follow-up de seis meses (todas $p < .05$; cf. tabela 3). No GT, os traços psicopáticos diminuíram significativamente, à semelhança do que aconteceu com a vergonha e com os medos de compaixão. Já valores de autocompaixão e compaixão pelos outros aumentaram significativamente (todas $p < .05$).²

² Resultados de instrumentos que medem variáveis relacionadas com a vergonha, medos de compaixão, autocompaixão e compaixão pelos outros não se apresentam no estudo atual por questões de organização e síntese do trabalho.

Tabela 3.*Variáveis de outcome avaliadas no follow-up de seis meses*

	Grupo de tratamento (GT; <i>n</i> = 45)	Grupo de controle (GC; <i>n</i> = 47)	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d de Cohen</i>
YPIS					
YPIS_GM_B	12.36 (4.03)	14.66 (3.60)	2.681	.009	.600
YPIS_CU_B	10.74 (3.29)	12.21 (3.01)	2.082	.041	.466
YPIS_II_B	14.57 (3.53)	17.68 (2.76)	4.362	<.001	.977
YPIS_T_B	37.67 (9.54)	44.55 (6.18)	3.789	<.001	.848
PSCD					
PSCD_GM_B	4.86 (2.65)	6.16 (2.65)	2.196	.031	.492
PSCD_CU_B	2.00 (2.43)	3.39 (2.62)	2.473	.016	.554
PSCD_DI_B	7.07 (2.45)	8.63 (2.42)	2.858	.005	.640
PSCD_T_B	22.50 (8.06)	27.11 (7.05)	2.707	.008	.606

Nota. Resultados apresentados como M (DP); YPIS = Youth Psychopathic Traits Inventory-Short (YPIS_T = pontuação total; YPIS_GM = dimensão grandiosidade-manipulação; YPIS_CU = dimensão frieza-insensibilidade; YPIS_II = dimensão impulsividade-irresponsabilidade); PSCD = Proposed Specifiers for Conduct Disorder; (PSCD_T = pontuação total; PSCD_GM = fator grandiosidade-manipulação; PSCD_CU = fator frieza-insensibilidade; PSCD_DI = fator ousadia-impulsividade).

Efeitos da intervenção na reincidência criminal

Os efeitos da intervenção na reincidência criminal foram analisados por comparações entre os participantes das duas condições experimentais. Conforme apresentado na Tabela 4, a maioria dos jovens de ambas as condições não apresenta indícios de reincidência criminal; não foram encontradas diferenças significativas no que diz respeito ao efeito do tipo de intervenção na distribuição por categorias de reincidência criminal ($p > 0,05$).

Tabela 4.*Reincidência criminal por condição experimental*

	Grupo de tratamento (GT; <i>n</i> = 45)	Grupo de controle (GC; <i>n</i> = 47)	Fisher	<i>p</i>	<i>v de Cramer</i>
Reincidência Criminal					
Sem indícios de reincidência	32 (71.1)	39 (83.0)			
Com indícios de reincidência	6 (13.3)	2 (4.3)	2.646	.2 75	.172
Reincidentes	7 (15.6)	6 (12.8)			

Covariáveis (traços psicopáticos)

Os resultados da regressão logística não indicaram uma associação significativa entre os traços psicopáticos e a reincidência criminal, independentemente do tipo de instrumento utilizado (todos $p > .05$; cf. tabela 5). O modelo que incluiu a variável preditora não apresentou um ajuste significativamente melhor em relação ao modelo sem essa variável, conforme indicado pelo valor do $-2\log$ likelihood (103.939 vs. 138.579, $p > 0.05$).

A variação na reincidência criminal foi explicada em apenas 32.9% pelo modelo de regressão logística, o que sugere que podem existir outras variáveis que expliquem a variação na reincidência criminal. Os testes de ajustamento das variáveis ao modelo mostraram que elas se ajustaram adequadamente ($p > 0.05$).

Em suma, com base nos resultados, não há evidências suficientes para afirmar que os traços psicopáticos têm um papel preditor na reincidência criminal, independentemente do tipo de instrumento utilizado.

Tabela 5.*Efeito preditor dos traços psicopáticos na reincidência criminal*

		B (ES)	p	
Com indícios de reincidência criminal	Interceção	-4.288 (3.289)	.192	
	GC * YPIS_GM	1.806 (2.221)	.416	
	GT * YPIS_GM	-.149 (.530)	.778	
	GC * YPIS_CU	.514 (1.274)	.687	
	GT * YPIS_CU	.200 (.455)	.660	
	GC * YPIS_II	0 ^a	.	
	GT * YPIS_II	0 ^a	.	
	GC * YPIS_T	-1.100 (1.506)	.465	
	GT * YPIS_T	-.030 (.224)	.892	
	GC * PSCD_GM	-1.709 (2.099)	.416	
	GT * PSCD_GM	.395 (.684)	.563	
	GC * PSCD_CU	-.881 (2.032)	.665	
	GT * PSCD_CU	-.992 (.754)	.188	
	GC * PSCD_DI	-.453 (1.592)	.776	
	GT * PSCD_DI	.100 (.664)	.880	
	GC * PSCD_T	1.144 (1.652)	.489	
	GT * PSCD_T	.072 (.376)	.849	
	Reincidentes	Interceção	-2.811 (2.447)	.251
		GC * YPIS_GM	-.474 (.439)	.280
GT * YPIS_GM		-.008 (.363)	.983	
GC * YPIS_CU		-1.133 (.612)	.064	
GT * YPIS_CU		-.084 (.303)	.781	
GC * YPIS_II		0 ^a	.	
GT * YPIS_II		0 ^a	.	
GC * YPIS_T		.586 (.354)	.098	
GT * YPIS_T		-.044 (.174)	.800	
GC * PSCD_GM		-.164 (.552)	.767	
GT * PSCD_GM		-.090 (.435)	.836	
GC * PSCD_CU		.440 (.545)	.419	
GT * PSCD_CU		-.160 (.343)	.641	
GC * PSCD_DI		-.217 (.500)	.664	
GT * PSCD_DI		-.081 (.448)	.856	
GC * PSCD_T		-.163 (.358)	.649	
GT * PSCD_T		.227 (.244)	.354	

Nota. A categoria de referência é “sem indícios de reincidência criminal”; ^a = este parâmetro foi definido para zero porque é redundante; *B* = coeficiente; *ES* = erro *standart*;

Discussão

O PSYCHOPATHY.COMP foi o primeiro programa, baseado na TFC, especificamente desenhado para reduzir o comportamento antissocial e os traços psicopáticos em jovens agressores, através da promoção de uma mentalidade compassiva. Os estudos sobre a eficácia do PSYCHOPATHY.COMP (Ribeiro da Silva et al., 2019b, 2020b, 2021; Rijo et al. 2023) sugerem que este é eficaz na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva. Contudo, não existem estudos que testem o impacto deste programa e o efeito preditor dos traços psicopáticos na reincidência criminal. Para colmatar esta lacuna, o estudo atual pretendeu avaliar o impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal num follow-up de 24 meses, bem como o efeito preditor dos traços psicopáticos sobre essa reincidência.

Dados do recrutamento e retenção mostraram que foi possível recolher a maioria dos dados dos participantes do GT ($n = 45$; 77,6%) e do GC ($n = 47$; 77%) no follow-up de 24 meses, pelo que a taxa de perdas ($n = 27$; 22,7%) está dentro da média comparativamente a outros estudos que, embora nem todos da mesma natureza e populações (i.e. eficácia de um programa de uma intervenção cognitivo-comportamental com jovens agressores; eficácia de um programa para perpetradores de violência entre parceiros íntimos; eficácia de um programa para tratamento de depressão major) medem a eficácia de programas em follow-ups de 24 meses (Lardén et al., 2021; McNeeley, 2021; Schaub et al., 2018). As perdas deveram-se, principalmente, à impossibilidade de recolha dos dados, a maioria por ainda não ter sido cumprido o período de 24 meses após a saída do CE ou por não aparecerem na listagem da DGRSP.

No estudo atual, tal como na *baseline* do ensaio clínico propriamente dito, não foram encontradas diferenças significativas entre o GT e o GC nas variáveis demográficas, legais, criminais e clínicas, bem como nas variáveis de *outcome* ($p > .05$; Ribeiro da Silva et al., 2021). Os grupos mostraram-se, portanto, semelhantes em relação a todas as variáveis em estudo, reduzindo possíveis enviesamentos associados à ausência de aleatorização e permitindo conclusões mais robustas sobre o efeito preditor da condição experimental nas medidas de resultado ao longo tempo (Hollin, 2008).

Em relação às variáveis de *outcome*, avaliadas no follow-up de 6 meses, tal como aconteceu nos resultados do ensaio clínico (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023), a amostra atual apresentou diferenças significativas entre o GT e o GC. Ou seja, mesmo tendo em conta a atual amostra, mais reduzida, o programa mostrou-se eficaz na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva.

Contudo, ainda que o efeito do PSYCHOPATHY.COM tenha sido significativo na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva, não parece ter impactado na redução da reincidência criminal, uma vez que não se encontraram diferenças significativas entre as duas condições experimentais. Ainda assim, os resultados do presente estudo relativos à reincidência criminal parecem apontar para a eficácia das MTEI-CE (que visam a educação do jovem para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável, na vida em comunidade; Lei nº4/2015, de 15 de janeiro), uma vez que a maior parte dos jovens não reincidiu nem apresentou indícios de reincidência criminal. Isto está de acordo com outros estudos de eficácia onde se verificou que a existência de intervenção, independentemente da sua natureza e por si só, apresenta maior eficácia na reincidência criminal comparativamente a grupos em que não seja aplicada nenhuma intervenção (Bonta

et al., 2000; Bouchard & Wong, 2017; Caldwell, 2011; Caldwell et al., 2006; Dowden & Andrews, 2003; Pappas & Dent, 2021; Van der Stouwe et al., 2014; Wilson et al., 2017).

No entanto, importa referir que períodos de observação mais longos oferecem maior oportunidade para registrar eventos criminais (Pechorro, 2019), o que sugere que estudos de follow-up com tempos de observação superiores poderiam apontar para taxas de reincidência criminal diferentes. Os indícios de reincidência criminal e a reincidência criminal foram avaliados pela existência de novos processos judiciais em fase de inquérito e pela existência de novas condenações por decisão judicial transitada em julgado (respetivamente), o que pode não refletir com precisão o ajustamento/desajustamento destes jovens na comunidade, ocultando possíveis atividades antissociais/criminosas que não sejam denunciadas ou comprovadas em tribunal (Susano, 2012). Portanto, isto constitui uma limitação metodológica do atual estudo, sendo importante analisar os dados com cautela e realizar reflexões/generalizações de forma cuidada.

Considerando que os grupos experimentais apresentavam diferenças estatisticamente significativas nos seus níveis de traços psicopáticos aquando da sua saída em liberdade, considerou-se relevante avaliar o efeito preditor dos traços psicopáticos na reincidência criminal. Os resultados neste estudo mostraram que os traços psicopáticos medidos no follow-up de 6 meses não revelaram ser preditores significativos da reincidência criminal medida no follow-up de 24 meses. Apesar de investigações anteriores associarem a presença de traços psicopáticos às formas mais precoces, estáveis e graves de comportamento antissocial (Hare, 2003; Salekin et al., 2003; Ribeiro da Silva et al., 2020a), a maior criminalidade (Johnstone & Cooke, 2008) e a um maior número de condenações (Ballone et al., 2002), outros estudos apontam que variáveis relacionadas com a psicopatia não previram

significativamente a reincidência criminal (Colins et al., 2015; Colins et al., 2017; Harris et al., 2017; Silva, 2018). No entanto, importa realçar que o facto da maior parte dos jovens, tanto do GT como do GC, não ter reincidido, pode ter tido impacto no estudo do papel preditor dos traços psicopáticos na reincidência criminal.

Apesar de não existirem diferenças significativas entre os dois grupos no follow-up de 24 meses ao nível da reincidência criminal, o efeito do tratamento nos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva poderá ser importante para diferenças na reincidência criminal em follow-ups com intervalos de tempo superiores (Caldwell, 2011). Estudos futuros de follow-up beneficiariam de uma avaliação periódica e por um período mais longo, uma vez que permitiria a identificação do tempo que os jovens levaram até reincidir e proporcionaria algum grau de monitorização. Acompanhamentos mais frequentes e/ou a longo prazo, não só possibilitariam a recolha de dados importantes para a investigação a nível da eficácia do PSYCHOPATHY.COMP na reincidência e do efeito preditor dos traços psicopáticos na mesma, como também facultariam ao jovem uma monitorização mais próxima por parte de um profissional qualificado. Essa monitorização permitiria obter um panorama do funcionamento e adaptação do jovem, além de poder prevenir ou minimizar os efeitos de determinadas situações ou contextos que possam escalar para comportamentos mais graves, nomeadamente novos crimes/atos qualificados como crimes. Embora o PSYCHOPATHY.COMP procure equilibrar os sistemas de regulação motivacional e emocional, bem como reformular as suas experiências passadas, as suas ameaças internas e externas (Ribeiro da Silva et al., 2019a, 2021, 2022), muitos destes jovens saem em liberdade e regressam para contextos que, por si só, já são propensos a condutas antissociais e que não oferecem perspectivas de melhoria e/ou de minimização de comportamentos mais desajustados. Pelo contrário, variáveis familiares, culturais e sociais podem contribuir para o

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

aumento da frequência de comportamentos antissociais ao longo do tempo (Brown, 2009; Zamble e Quinsey, 1997).

Assim, realça-se a importância da realização de estudos de follow-up com períodos de tempos superiores, bem como a avaliação do nível de ajustamento social dos mesmos, através de indicadores específicos de risco/proteção, uma vez que um bom ajustamento social pressupõe uma reinserção digna e responsável na sociedade/comunidade (Valente & Mulas, 2003; Eiras & Fortes, 2005). Seria importante que os indicadores incluíssem áreas como escola, formação profissional ou trabalho, comportamento e atitudes, relacionamento com pares, consumo de álcool e drogas e atividades de tempos livres, uma vez que são áreas relacionadas com os oito fatores de risco para o comportamento criminal e a sua permanência (i.e. a sua reincidência; Andrews & Bonta, 2010).

Apointa-se ainda, a necessidade de estudos qualitativos que mostrem qual é a perceção destes jovens em relação ao seu percurso de vida, nomeadamente em relação ao impacto do funcionamento do sistema de proteção e de justiça juvenil na sua trajetória de vida.

Conclusões

Com base na discussão dos resultados, conclui-se que o programa PSYCHOPATHY.COMP, baseado na Terapia Focada na Compaixão, se mostrou eficaz na redução dos traços psicopáticos e na promoção de uma mentalidade compassiva em jovens agressores (Ribeiro da Silva et al., 2021; Rijo et al., 2023). No entanto, não foram encontradas diferenças significativas entre o GT e o GC em relação à reincidência criminal no período de follow-up de 24 meses, nem foram encontradas evidências de que os traços psicopáticos predizem significativamente a reincidência criminal.

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

É importante ressaltar que a maioria dos jovens em ambos os grupos não apresentou indícios de reincidência criminal, indicando que a intervenção em si, independentemente do tipo, pode ser eficaz na redução da reincidência criminal. No entanto, é importante considerar que os contextos para os quais a maioria dos jovens regressam quando saem em liberdade, por si só, já são propensos e legitimadores de condutas antissociais e não oferecem perspectivas de melhoria e/ou de minimização de comportamentos mais desajustados (Brown, 2009; Zamble e Quinsey, 1997). Desta forma, a análise dos resultados obtidos deve ser realizada com cautela, considerando as limitações metodológicas do estudo, assim como a possibilidade de atividades antissociais não serem denunciadas ou comprovadas em tribunal.

Seria importante realizar períodos de acompanhamento superiores e estudos mais abrangentes para avaliar o impacto do PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal ao longo do tempo, bem como considerar a importância de fatores contextuais, como o ambiente familiar, as oportunidades educacionais e de emprego, o suporte social e o acesso a serviços de apoio, na reintegração e no ajustamento dos jovens agressores. Esses fatores podem influenciar a probabilidade de reincidência criminal ou fornecer dados de ajustamento/desajustamento social, incluindo condutas desviantes mais difíceis de identificar por órgãos oficiais de justiça.

Estudos futuros devem considerar períodos de follow-up mais longos, com uma avaliação mais abrangente do ajustamento social dos jovens e a inclusão de indicadores específicos de risco e proteção. Além disso, estudos qualitativos podem contribuir para a compreensão da percepção dos jovens em relação ao seu percurso de vida e ao sistema de proteção e justiça juvenil, fornecendo *insights* adicionais sobre os fatores que influenciam as condutas anti/sociais destes jovens. Estes estudos iriam complementar os estudos de eficácia

do PSYCHOPATHY.COMP, alargando os seus indicadores de evidência a variáveis sociais. Resultados positivos poderiam ter implicações clínicas, sociais e no âmbito do sistema de justiça juvenil, contribuindo para a validação do PSYCHOPATHY.COMP como um programa baseado na evidência e eficaz na redução do risco de reincidência criminal e de novas condenações.

Bibliografia

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>
- Andrews D. A., & Bonta J. (2010). *The psychology of criminal conduct* (5th ed.). New Providence, NJ: Mathew Bender.
- Ballone, G., Neto, E., & Ortolani, I. (2002). Da emoção à lesão. Barueri: Manole.
- Baskin-Sommers, A. R., Waller, R., Fish, A. M., & Hyde, L. W. (2015). Callous-unemotional traits trajectories interact with earlier conduct problems and executive control to predict violence and substance use among high-risk male adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *43*, 1529–1541. <https://doi.org/10.1007/s10802-015-0041-8>
- Bonta, J., S. Wallace-Capretta, and J. Rooney. 2000a. "A Quasi-Experimental Evaluation of an Intensive Rehabilitation Supervision Program", *Criminal Justice and Behavior*, *27*(3): 312-329.

- Bouchard, J., & Wong, J. S. (2017). A Jury of Their Peers: A meta-analysis of the effects of teen court on criminal recidivism. *Journal of Youth and Adolescence*, *46*(7), 1472–1487.
- Brown, S. L., St. Amand, M. D., & Zamble, E. (2009). The dynamic prediction of criminal recidivism: A three-wave prospective study. *Law and Human Behavior*, *33*(1), 25–45. <https://doi.org/10.1007/s10979-008-9139-7>
- Caldwell, M. F. (2011). Treatment-related changes in behavioral outcomes of psychopathy facets in adolescent offenders. *Law and Human Behavior*, *35*(4), 275-287. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9239-z>.
- Caldwell, M. F., Skeem, J., Salekin, R., & Van Rybroek, G. (2006). Treatment response of adolescent offenders with psychopathy features: a 2-year follow-up. *Criminal Justice and Behavior*, *33*(XXXX), 571–596. <https://doi.org/10.1177/0093854806288176>.
- Clark, S., Coughenour, C., Bumgarner, K., De la Fuente-Mella Reynolds, C., Abelar, J. (2019) The impact of pedestrian crossing flags on driver yielding behavior in Las Vegas, NV. *Sustainability* *11*(17), 4741. <https://doi.org/10.3390/su11174741>
- Colins, O. F., & Andershed, H. (2015). The DSM-5 with limited prosocial emotions specifier for conduct disorder among detained girls. *Law and Human Behavior*, *39*, 198–207. <https://doi.org/10.1037/lhb0000108>.
- Colins, O. F., Andershed, H., & Pardini, D. A. (2015). Psychopathic traits as predictors of future criminality, intimate partner aggression, and substance use in young adult men. *Law and Human Behavior*, *39*(6), 547–558. <https://doi.org/10.1037/lhb0000148>

- Colins, O. F., Andershed, H., Salekin, R. T., & Fanti, K. A. (2018). Comparing different approaches for subtyping children with conduct problems: Callous-unemotional traits only versus the multidimensional psychopathy construct. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 40*, 6–15. <https://doi.org/10.1007/s10862-018-9653-y>.
- Colins, O. F., Fanti, K. A., Andershed, H., Mulder, E., Salekin, R. T., Blokland, A., & Vermeiren, R. R. J. M. (2017). Psychometric properties and prognostic usefulness of the Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI) as a component of a clinical protocol for detained youth: A multiethnic examination. *Psychological Assessment, 29*(6), 740–753. <https://doi.org/10.1037/pas0000437>
- Cowan, C. S. M., Callaghan, B. L., Kan, J. M., & Richardson, R. (2016). The lasting impact of early- life adversity on individuals and their descendants: Potential mechanisms and hope for intervention. *Genes, Brain and Behavior, 15*, 155-168. <https://doi.org/10.1111/gbb.12263>
- Coughenour, C., Paz, A., De la Fuente-Mella, H., & Singh, A. (2016). Multinomial logistic regression to estimate and predict perceptions of bicycle and transportation infrastructure in a sprawling metropolitan area. *Journal of Public Health, 38*(4), 401–408. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdv179>
- Cozolino, L. (2017). *The Neuroscience of Psychotherapy: Healing the Social Brain 3rd edition (Norton Series on Interpersonal Neurobiology)*. WW Norton & Company.
- Dávila Gómez, M., Dávila Pino, J., & Dávila Pino, R. (2020). Self-compassion and predictors of criminal conduct in adolescent offenders. *Journal 12 RIJO ET AL*. This document is copyrighted by the American Psychological Association or one of its allied
- O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guiomar Ribas (guiomaribas@hotmail.com) 2023

- publishers. This article is intended solely for the personal use of the individual user and is not to be disseminated broadly. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 29(8), 1020–1033. <https://doi.org/10.1080/10926771.2019.1697778>
- Del Giudice, M. (2016). The life history model of psychopathology explains the structure of psychiatric disorders and the emergence of the p factor: A simulation study. *Clinical Psychological Science*, 4(2), 299–311. <https://doi.org/10.1177/2167702615583628>
- Direção dos Serviços de Justiça Juvenil (2022). *Guião de Procedimentos: estudo da reincidência e do ajustamento social Follow-up a 24 meses após a cessação da medida de internamento*. [Ficha Informativa]. Ministério da Justiça.
- Dowden, C., & Andrews, D. A. (2003). Does family intervention work for delinquents? Results of a meta-analysis. *Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 45(3), 327–342.
- Eiras, H., & Fortes, G. (2005). *Dicionário de Direito Penal e Processo Penal*. Quid Juris.
- Farrington, D., P., Ttofi M. M. & Piquero, A. R. (2016) Risk, promotive, and protective factors in youth offending: Results from the Cambridge study in delinquent development. *Journal of Criminal Justice*, 45, 63-70
- Forth, A. E., Hart, S. D. & Hare, R. D. (1990). Assessment of psychopathy in male offenders. *Psychological Assessment*, 2(XXXX), 342-344.
- Frick, P. J., & Moffitt, T. E. (2010). *A proposal to the DSM-V childhood disorders and the ADHD and disruptive behavior disorders work groups to include a specifier to the*

diagnosis of conduct disorder based on the presence of callous-unemotional traits.

American Psychiatric Association.

Frick, P. J., Ray, J. V., Thornton, L. C., & Kahn, R. E. (2013). Can callous unemotional traits enhance the understanding, diagnosis, and treatment of serious conduct problems in children and adolescents? A comprehensive review. *Psychological Bulletin*, *140*, 1–57. <https://doi.org/10.1037/a0033076>

Garofalo, C., Neumann, C. S., & Velotti, P. (2018). Difficulties in emotion regulation and psychopathic traits in violent offenders. *Journal of Criminal Justice*, *57*(4), 116–125. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.05.013>

Gilbert, P. (2010). *Compassion focused therapy: The CBT distinctive features series* (1^a ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203851197>

Gilbert, P. (2014). *The origins and nature of compassion focused therapy*. *British Journal of Psychology*, *53*(1), 6-41. <https://doi.org/10.1111/bjc.12043>

Gilbert, P. (2019). Explorations into the nature and function of compassion. *Current Opinion in Psychology*, *28*, 108–114. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.12.002>

Gilbert, P. (2017). Exploring compassion focused therapy in forensic settings: An evolutionary and social-contextual approach. In J. Davies & C. Nagi (Eds.), *Individual psychological therapies in forensic settings: Research and practice* (pp. 66-80). Routledge.

- Gilbert, P., & Basran, J. (2019). The evolution of prosocial and antisocial competitive behavior and the emergence of prosocial and antisocial leadership styles. *Frontiers in Psychology, 1*(6), 610–620. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00610>
- Glenn, A. L. (2019). Early life predictors of callous-unemotional and psychopathic traits. *Infant Mental Health Journal, 40*(1), 39–53. <https://doi.org/10.1002/imhj.21757>
- Hare, R. D. (2003). *The Hare psychopathy checklist — Revised* (2nd ed.). Multi-Health Systems.
- Harris, P. B., Boccaccini, M. T., & Rice, A. K. (2017). Field measures of psychopathy and sexual deviance as predictors of recidivism among sexual offenders. *Psychological Assessment, 29*(6), 639–651. <https://doi.org/10.1037/pas0000394>
- Hecht, L. K., Latzman, R. D., & Lilienfeld, S. O. (2018). The psychological treatment of psychopathy. In D. David, S. J. Lynn, & G. H. Monegomery (Eds.), *Evidence-based psychotherapy: The state of the science and practice* (pp. 271–298). Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781119462996.ch11>.
- Hollin, C. R. (2008). Evaluating offending behaviour programmes: Does only randomization glister? *Criminology & Criminal Justice, 8*(1), 89–106. <https://doi.org/10.1177/1748895807085871>
- Jambroes, T., Jansen, L. M., Vermeiren, R. R., Doreleijers, T. A., Colins, O. F., & Popma, A. (2016). The clinical usefulness of the new LPE specifier for subtyping adolescents with conduct disorder in the DSM 5. *European Child & Adolescent Psychiatry, 25*, 891–902. <https://doi.org/10.1007/s00787-015-0812-3>.

- Johnstone, L. & Cooke, D.J. (2008). PRISM: Promoting Risk Intervention by Situational Management: Structured professional guidelines for assessing situational risk factors for violence in institutions. Glasgow: Northern Networking.
- Jonason, P. K., Icho, A., & Ireland, K. (2016). Resources, harshness, and unpredictability: The socioeconomic conditions associated with the dark triad traits. *Evolutionary Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/1474704915623699>
- Kirby, J. N., Tellegen, C. L., & Steindl, S. R. (2017). A meta-analysis of compassion-based interventions: Current state of knowledge and future directions. *Behavior Therapy*, 48, 778–792. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2017.06.003>
- Kolts, R. & Gilbert, P. (2018). Understanding and using compassion focused therapy in forensic settings. In A. R. Beech, A. J. Carter, R. E. Mann, & P. Rotshtein (Eds.), *The Wiley Blackwell Handbook of Forensic Neuroscience* (pp. 725-754). John Wiley & Sons Ltd.
- Kosson, D. S., Neumann, C. S., Forth, A. E., Salekin, R. T., Hare, R. D., Krischer, M. K., & Sevecke, K. (2013). Factor structure of the Hare Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL: YV) in adolescent females. *Psychological Assessment*, 25, 71–83. <https://doi.org/10.1037/a0028986>.
- Kosson, D. S., Vitacco, M. J., Swogger, M. T., & Steuerwald, B. L. (2016). Emotional experiences of the psychopath. In C. B. Gacono (Ed.), *Personality and clinical psychology series. The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner's guide* (pp. 73–95). Routledge/ Taylor & Francis Group

- Kumsta, R. (2019). The role of epigenetics for understanding mental health difficulties and its implications for psychotherapy research. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, *92*, 190–207. <https://doi.org/10.1111/papt.12227>
- Kumsta, R., Sonuga-Barke, E., & Rutter, M. (2012). Adolescent callous–unemotional traits and conduct disorder in adoptees exposed to severe early deprivation. *The British Journal of Psychiatry*, *200*, 197–201. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.110.089441>.
- Lahey, B. B. (2014). What we need to know about callous-unemotional traits: Comment on Frick, Ray, Thornton, and Kahn (2014). *Psychological Bulletin*, *140*, 58–63. <https://doi.org/10.1037/a0033387>.
- Lansing, A. E., Plante, W. Y., Beck, A. N., & Ellenberg, M. (2018). Loss and grief among persistently delinquent youth: The contribution of adversity indicators and psychopathy-spectrum traits to broadband internalizing and externalizing psychopathology. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, *11*, 375–389. <https://doi.org/10.1007/s40653-018-0209-9>.
- Lardén, M., Hogstrom, J. & Langstrom, N. (2021). Effectiveness of an Individual Cognitive-Behavioral Intervention for Serious, Young Male Violent Offenders: Randomized Controlled Study With Twenty-Four-Month Follow-up. *Frontiers in Psychiatry*, *12*. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.670957>.
- Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro. Diário da República, 1ª Série, 10, 396-436.

- MCNeeley, S. (2021). Effectiveness of a Prison-Based Treatment Program for Male Perpetrators of Intimate Partner Violence: A Quasi-Experimental Study of Criminal Recidivism. *Journal of Interpersonal Violence, 36* (21-22), 10405-10430.
- Morley, R. H. (2015). Violent criminality and self-compassion. *Aggression and Violent Behavior, 24*(5), 226–240. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.017>
- Pappas, L. N., Dent, A. L. (2021). The 40-year debate: a meta-review on what works for juvenile offenders. *Journal of Experimental Criminology*.
<https://doi.org/10.1007/s11292-021-09472-z>.
- Pechorro, P., Andershed, H., Ray, J. V., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). Validation of the Youth Psychopathic Traits Inventory and Youth Psychopathic Traits Inventory—Short Version Among Incarcerated Juvenile Delinquents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 37*(4), 576–586. <https://doi.org/10.1007/s10862-015-9490-1>
- Pechorro, P. (2019). Reincidência Criminal em Jovens Delinquentes Internados em Centro Educativo. [Dissertação de Mestrado – Universidade de Coimbra], Repositório Científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/94983>
- Ribeiro da Silva, D., Castilho, P., Miguel, R., Paulo, M., Gilbert, P., & Rijo, D., (2022). *PSYCHOPATHY.COMP: An individual Compassion-based psychotherapeutic intervention for the treatment of antisocial behavior and psychopathic traits*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ribeiro da Silva, D. & Rijo, D. (2022). Compassion Focused Therapy in forensic settings. In G. Simos and P. Gilbert (Eds), *Compassion Focused Therapy: Clinical practice and applications*. Routledge.

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., Castilho, P., & Gilbert, P. (2019a). The efficacy of a Compassion Focused Therapy-based intervention in reducing psychopathic traits and disruptive behavior: A clinical case study with a juvenile detainee. *Clinical Case Studies*. 18, 323-343. <https://doi.org/10.1177/1534650119849491>.

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2015). The evolutionary roots of psychopathy. *Aggression and Violent Behavior*, 21(2), 85–96. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.01.006>

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2020a). Psychopathic traits in children and youth: The state-of-the-art after 30 years of research. *Aggression and Violent Behavior*. 55, 101454. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101454>.

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., Salekin, R. T., Paulo, M., Miguel, R., & Gilbert, P. (2020b). Clinical change in psychopathic traits after the PSYCHOPATHY. COMP program: preliminary findings of a controlled trial with male detained youth. *Journal of Experimental Criminology*. 17, 397-421. <https://doi.org/10.1007/s11292-020-09418-x>.

Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., Brazão, N., Paulo, M., Miguel, R., Castilho, P., Vagos, P., Gilbert, P., & Salekin, R. T. (2021). The efficacy of the PSYCHOPATHY.COMP program in reducing psychopathic traits: A controlled trial with male detained

youth. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 89(6), 499–513. <https://doi.org/10.1037/ccp0000659>.

Ribeiro da Silva, D., Salekin, R. T., & Rijo, D. (2019b). Psychopathic severity profiles: A latent profile analysis in youth samples with implications for the diagnosis of conduct disorder. *Journal of Criminal Justice*, 60, 74-83. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.12.003>.

Ribeiro da Silva, D., Salekin, R. T., Rijo, D., & Hare, R. (2020c). *Proposed Specifiers for Conduct Disorder (PSCD): Validation of the self-report version in community and forensic samples of Portuguese youth* (Manuscript under review)

Rijo, D., Brazão, N., Barroso, R., Ribeiro da Silva, D., Vagos, P., Vieira, A., Macedo, A. M. (2016). Mental health problems in male young offenders in custodial versus community based-programs: Implications for juvenile justice interventions. *Child and Adolescence Psychiatry and Mental Health*, 10(40), 52. <https://doi.org/10.1186/s13034-016-0131-6>.

Rijo, D., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., Paulo, M., Ramos Miguel, R., Castilho, P., Vagos, P., & Gilbert, P. (2023). Promoting a compassionate motivation in detained youth: A secondary analysis of a controlled trial with the PSYCHOPATHY.COMP program. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 14(2), 223–236. <https://doi.org/10.1037/per0000594>

Salekin, R. T. (2002). Psychopathy and therapeutic pessimism. Clinical lore or clinical reality? *Clinical Psychology Review*, 22(1), 79–112. [https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(01\)00083-6](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(01)00083-6).

O impacto do programa PSYCHOPATHY.COMP na reincidência criminal: follow-up de 24 meses de um ensaio clínico com jovens agressores
Guimar Ribas (guimaribas@hotmail.com) 2023

- Salekin, R. T. (2016). Psychopathy in childhood: Toward better informing the DSM–5 and ICD-11 conduct disorder specifiers. *Personality disorders: Theory, research, and treatment. Vol. 7. Personality disorders: Theory, research, and treatment* (pp. 180–191). <https://doi.org/10.1037/per0000150>.
- Salekin, R. T. (2017). Research review: What do we know about psychopathic traits in children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *58*, 1180–1200. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12738>.
- Salekin, R. T., Andershed, H., Batky, B. D., & Bontemps, A. P. (2018). Are callous unemotional (CU) traits enough? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *40*, 1–5. <https://doi.org/10.1007/s10862-018-9663-9>.
- Salekin, R. T., & Hare, R. D. (2016). *Proposed Specifiers for Conduct Disorder (PSCD)* (Unpublished test).
- Salekin, R. T., Worley, B., & Grimes, R. D. (2010). Treatment of psychopathy: A review and brief introduction to the mental model approach for psychopathy. *Behavioral Sciences & the Law*, *28*, 235-266.
- Salekin, R. T., Ziegler, T. A., Larrea, M. A., Anthony, V. L., & Bennett, A. D. (2003). Predicting dangerousness with two Millon Adolescent Clinical Inventory psychopathy scales: The importance of egocentric and callous traits. *Journal of Personality Assessment*, *80*, 154–163.
- Schaub, A., Goldmann, U., Mueser, T., K., Goerigk, S., Hautzinger, M., Roth, E., Charypar, M., Engel, R. & Möller, H. (2018) Efficacy of extended clinical management, group

CBT, and group plus individual CBT for major depression: Results of a two-year follow-up study. *Journal of Affective Disorders*, 238, 570-578.

Seppälä, E. M., Simon-Thomas, E., Brown, S. L., Worline, M. C., Cameron, C. D., & Doty, J. R. (Eds.). (2017). *The Oxford handbook of compassion science*. Oxford University Press.

Sheehan, D. V., Sheehan, K. H., Shytle, R. D., Janavsm, J., Bannon, Y., Rogersm, J. E., Wilkinsonm, B. (2010). Reliability and validity of the Mini International Neuropsychiatric Interview for Children and Adolescents (MINI-KID). *Journal of Clinical Psychiatry*, 71, 313–326. <https://doi.org/10.4088/JCP.09m05305whi>.

Silva, E., S., R. (2018). Um estudos sobre psicopatia, reincidência e violência criminal. [Dissertação de Mestrado]. Repositório U.Porto. <https://hdl.handle.net/10216/117123>

Singer, T., & Engert, V. (2019). It matters what you practice: Differential training effects on subjective experience, behavior, brain and body in the ReSource Project. *Current Opinion in Psychology*, 28, 151-158. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.12.005>

Somma, A., Andershed, H., Borroni, S., Salekin, R. T., & Fossati, A. (2018). Psychopathic personality traits in relation to self-report delinquency in adolescence: Should we mind about interaction effects? *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 40, 69–78. <https://doi.org/10.1007/s10862-018-9658-6>.

Susano, H. (2012). *Reincidência penal: Da teoria à prática judicial*. Coimbra: Edições Almedina.

- Valente, M., & Mulas, N. (2003). *Direito de Menores: Estudo Luso-Hispânico sobre menores em Perigo e Delinquência Juvenil*. Âncora Editora.
- Van Baardewijk, Y., Andershed, H., Stegge, H., Nilsson, K., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2010). Development and tests of short versions of the Youth Psychopathic Traits Inventory and the Youth Psychopathic Traits Inventory-Child Version. *European Journal of Psychological Assessment, 26*(2), 122–128. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000017>
- Van der Stouwe, T., Asscher, J. J., Stams, G. J., Deković, M., & Laan, P. H. (2014). The effectiveness of Multisystemic Therapy (MST): A meta-analysis. *Clinical Psychology Review, 34*(6), 468–481.
- Viding, E., & McCrory, E. J. (2012). Why should we care about measuring callous–unemotional traits in children? *The British Journal of Psychiatry, 200*, 177–178. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.111.099770>.
- Weisberg, R. (2014). Meanings and measures of recidivism. *Southern California Law Review, 87*(3), 785-804.
- Wilkinson, S., Waller, R., & Viding, E. (2015). Practitioner Review: Involving young people with callous unemotional traits in treatment – does it work? A systematic review. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 57*(5), 552-565. [Southhttps://doi.org/10.1111/jcpp.12494](https://doi.org/10.1111/jcpp.12494)

Wilson, D. B., Olaghere, A., & Kimbrell, C. S. (2017). Effectiveness of restorative justice principles in juvenile justice: A meta-analysis.

<http://www.ncjrs.gov/App/publications/abstract.aspx?ID=273052>

Zamble, E., & Quinsey, V. L. (2001). *The criminal recidivism process*. Cambridge university press.

Zamora, A. (1971). *La Reincidencia*. Universidad de Murcia.

Zara, G. & Farrington, P. (2016). *Criminal recidivism: explanation, prediction and prevention*. Routledge.